



MORTE E CUIDADOS PALIATIVOS SOB O OLHAR DE ESTUDANTES DE MEDICINA¹

Eduarda Lorenzi², Maria Luiza Remonti Lodi³, Flávia Cesca Antonioli⁴, Debora Bauels Adames⁵, Mariana da Conceição Giuliani⁶, Arnaldo Nogaro⁷

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido na URI Erechim com bolsa PIBIC – CNPq.

² Acadêmica do V semestre do Curso de Medicina da URI Erechim. Bolsista de IC PIBIC CNPq. E-mail: duuda_lorenzi@hotmail.com

³ Acadêmica do V Semestre do Curso de Medicina da URI Erechim. E-mail: maluuhlodi@gmail.com

⁴ Acadêmica do V Semestre do Curso de Medicina da URI Erechim. E-mail: flaviaacescaa@gmail.com

⁵ Acadêmica do V Semestre do Curso de Medicina da URI Erechim. E-mail: debibadames@gmail.com

⁶ Acadêmica do V Semestre do Curso de Medicina da URI Erechim. E-mail: marianajuliani8@gmail.com

⁷ Doutor em Educação. Professor do PPGEDU URI. Grupo de Pesquisa: Ética, educação e formação de professores. E-mail: narnaldo@uricer.edu.br

RESUMO

Este artigo resulta de pesquisa de campo, de natureza quali-quantitativa, exploratória, realizada com vinte estudantes de medicina de uma universidade comunitária do norte do Rio Grande do Sul com o objetivo de diagnosticar e compreender como o tema da terminalidade humana e da morte são tratados no curso de graduação de medicina com vistas a pensar na educação para a morte na formação acadêmica do estudante. A amostra foi formada por participantes voluntários. A coleta de dados foi feita por meio de questionário aplicado via *Google Forms*, com dezesseis questões. Os dados apontam que os estudantes se interessam pelo tema investigado e desejam aprofundar-se mais. Veem a morte como o fim de um ciclo e consideram de grande relevância que seja tratada no seu processo de formação. Já tiveram contato com pacientes em estado terminal e mantiveram com eles envolvimento profissional.

INTRODUÇÃO

O ser humano não só é um ser mortal, como também sabe que vai morrer. Esta talvez seja uma das grandes diferenças de nossa espécie em relação aos outros animais. A possibilidade de construir a consciência da morte pode nos dar oportunidade de vermos a vida de outro modo ou até mesmo de nos prepararmos para a terminalidade para que não haja tanta angústia, medo ou sofrimento. A cultura, o conhecimento, o nível de instrução, as crenças que cada um possui podem influenciar a forma como vê a morte e como se posiciona em relação a ela.

Elias (2001) afirma que na verdade não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos. O grandioso fato de sermos as únicas criaturas vivas a compreender o significado da vida e de que sobre essa mesma temos apenas a certeza de que um dia



ela irá findar-se, torna nossa existência ainda mais preciosa e com isso se criaram inúmeros medos e inseguranças, responsáveis por esse grande tabu ao entorno da temática da morte. Ademais, como discorre Elias (2001), A visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha contra a ideia de sua própria morte. Em vista disso, observamos que tanto socialmente quanto no meio acadêmico, que é o foco desta pesquisa, pouco se fala sobre como lidar com essa fragilidade humana.

Certas profissões possuem relação mais estreita com a morte e para tanto quem escolhe atuar dentro delas precisa saber que há necessidade de conhecer e preparar-se para os embates e a complexidade das situações que irá viver. No caso específico da medicina, ela é uma realidade de seu cotidiano e em muitas situações vem acompanhada por grande sofrimento não só do paciente, mas também de familiares com quem este profissional também precisará saber dialogar e responder a dúvidas e incertezas com a devida responsabilidade que seu fazer lhe impõe.

Se não houver conhecimento e formação adequados, de acordo com Blasco (2009, p. 8), a “[...] morte é um fenômeno que parece atrapalhar o exercício e o êxito profissional.” Os médicos são seres humanos, angustiam-se diante da morte como qualquer um outro e, além de lidarem com seus próprios sentimentos e incertezas, o que faz com que nos questionemos: como podemos auxiliar na formação e no preparo dos futuros médicos para que sintam capazes de lidar com sua subjetividade no tocante a este respeito e a se instrumentalizarem para terem a desenvoltura e competência necessária que os acontecimentos do cotidiano exigirem?

O desejo de investigar e refletir sobre as concepções, percepções e conhecimentos que estudantes possuem ou adquirem em relação a finitude humana e a pacientes terminais é oriundo da leitura de obras e contato com teóricos como Arantes (2016), Azeredo, Rocha e Carvalho (2011), Batista (2019), Blasco (2009), Elias (2001), Foucault (1998), Heidegger (2006), Kübler-Ross (2000), Mello e Silva (2012), Schopenhauer (2020), dentre outros. A pretensão é explicitar como são tratadas as questões da terminalidade humana e morte por parte de estudantes de medicina e na sua formação, especialmente quais perspectivas vislumbram no tocante ao seu exercício profissional.



METODOLOGIA

O ato de pesquisar, geralmente, nasce de uma inquietação de quem o propõe. Começa por perguntas que são feitas na intenção de provocar o pensar e olhar sobre o objeto de investigação para que se encontrem as respostas desejadas ou definidas no horizonte dos objetivos. Ao citar algumas das questões sinalizamos a perspectiva do pesquisador: para quem queremos falar? Por quê? Que tipos de dados nos apoiam? Como se originaram? O esforço de construir respostas precisa estar pautado por características próprias que definem um trabalho de natureza científica que almeja novo conhecimento, por isso é fundamental que haja validade e fidedignidade do universo, adequação lógica de seus pressupostos teóricos e métodos de investigação. Para Paviani (2013) não se trata de um perceber e observar comum, mas científico, isto é, conduzido de modo metódico, com o uso de instrumentos e procedimentos normatizados. Sob este ponto de vista é que procuramos observar com precisão e controle, e, mensurar com precisão os dados coletados na pesquisa de campo que são apresentados e analisados na sequência.

A pesquisa realizada é de caráter quali-quantitativo com enfoque exploratório e de campo. São dezesseis questões, das quais somente uma aberta, de tal sorte que a modalidade quali-quantitativa é a que mais se adequa para caracterizar a tipologia da pesquisa. Inicialmente fez-se contato com a Direção do Campus da Universidade para autorização da pesquisa e da Coordenação do Curso de Medicina. Conversamos com a Coordenação do curso para anuência e assentimento da investigação, explicitando os objetivos, as intenções de pesquisa bem como os procedimentos metodológicos para coleta de dados. A partir da concordância da direção e coordenação obtivemos junto à secretaria do curso de medicina a relação de estudantes e seus e-mails para convidá-los para participar da pesquisa. Sua participação foi por adesão voluntária.

Para a pesquisa de campo a coleta de dados deu-se mediante aplicação de questionários no *Google Forms*. A análise dos dados seguiu a perspectiva quali-quantitativa e de conteúdo. Elaboramos categorias e a partir delas organizamos os dados e trabalhamos as respostas.



Os participantes da pesquisa são vinte estudantes que frequentam o curso de Medicina do sexto ao décimo semestre de uma universidade comunitária do norte do Rio Grande do Sul. Destes 80 % são do sexo feminino e 20 % do masculino. 80 % dos estudantes estão na faixa etária entre 21 e 25 anos e 10% possuem menos de 20 anos e 10% possuem mais de 25 anos. Este dado sinaliza na direção da maturidade emocional para tratar desta temática e da sua capacidade para fazer o enfrentamento de situações mais complexas com as quais se deparam em suas práticas cotidianas nas clínicas e no internato.

RESULTADOS DA PESQUISA: FINITUDE HUMANA E FORMAÇÃO MÉDICA SOB O OLHAR DE ESTUDANTES DE MEDICINA

No entender de Gatti (2012), há que se ter cuidado na pesquisa pois, embora possa haver a interferência da subjetividade do olhar do pesquisador, não pode haver dispensa de rigor e consistência. A busca por novos caminhos considerados mais ajustados às necessidades de uma compreensão diferenciada do real, não quer dizer apenas utilizar outros tipos de instrumentos, mas sim transformar atitudes e perspectivas cognoscentes, sem abandonar o eixo da consistência explicativa. É isso que esperamos conseguir fazer dentro desta análise, para a qual organizamos três categorias: concepção de morte e interesse pela temática; interfaces formação médica x finitude humana; e, relação médico-paciente e a terminalidade humana, que são trabalhadas na sequência.

Concepção de morte e interesse pela temática

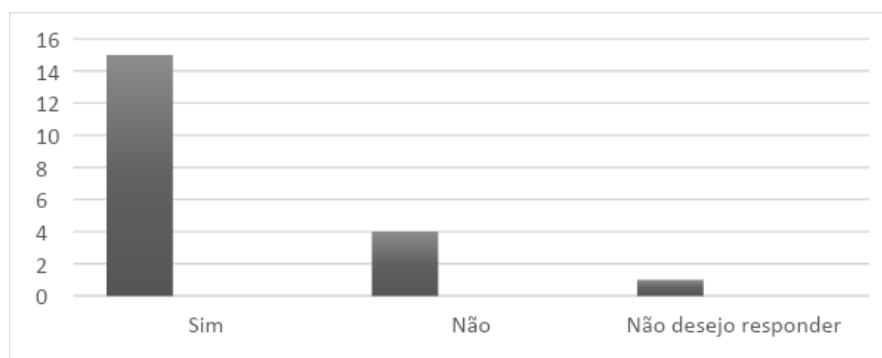
A experiência da morte, segundo Gadamer (2006), ocupa uma posição bem central na história da humanidade. Ele introduz o tornar-se humano. Nesta perspectiva desejamos saber o que os estudantes pensam a respeito da morte ou o que ela representa. As respostas variaram e foram muito sintéticas, no entanto “Fim de um ciclo” foi a de maior incidência. Os estudantes também definiram a morte como “uma passagem, descanso ou dor, fim da vida física, falência de algum componente vital do corpo humano e uma “missão” cumprida, passagem de um plano para outro por um propósito”. A resposta mais extensa está assim constituída: “O fim inevitável de uma jornada, e o que dá sentido e emoção para vida. Como diziam os filósofos gregos: os deuses



do olimpo podem ter tudo, mas nunca terão a emoção de ter uma vida que acaba e, portanto, que torna cada minuto mais valioso, pois são imortais.”

Com base nesta premissa, perguntamos se os estudantes sentem necessidade de obter informações sobre o tema morte? 75% deles responderam que sim, 20% não e 5% não desejaram responder à questão, como demonstra o gráfico abaixo.

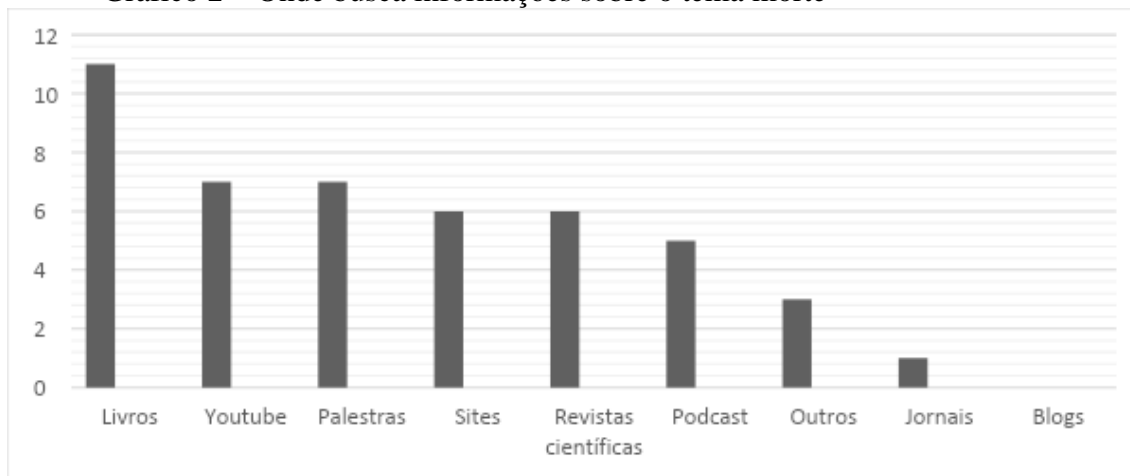
Gráfico 1 – Sente necessidade de obter informações sobre o tema morte



Fonte: OS AUTORES (2022).

Também inquirimos a respeito de onde procuram informações quando desejam saber sobre o assunto ou a aprofundar-se a respeito dele. O gráfico abaixo traz os principais indicadores apontados pelos estudantes.

Gráfico 2 – Onde busca informações sobre o tema morte



Fonte: OS AUTORES (2022).

Como podemos ver, dentre as respostas as que mais se destacam estão livros, palestras, youtube, sites, revistas científicas e podcasts. É importante frisar que apontar livros como primeiro reflete



que buscam conhecimentos fundamentados, embora as revistas científicas apareçam como quinto indicador de incidência. Nelas é que se acredita que estejam os saberes de natureza cientificamente comprovados.

Em seguida foi abordado sobre o despertar de seu interesse sobre a temática da morte após aula de anatomia e primeiro contato mais próximo com um cadáver. Dentre as variadas respostas cerca de 45% relata que seu interesse pela morte não alterou, 35% afirma que passou a pensar mais sobre, 15% gostaria de saber mais sobre o assunto e 5% sentiu mais segurança sobre o tema, como demonstra o gráfico abaixo.

Gráfico 3 – Interesse pela morte após as aulas de anatomia



Fonte: OS AUTORES (2022).

O fato de aparecer o percentual de 45% dos estudantes que não mudaram seu interesse pelo tema pode nos sinalizar que, talvez, tenham se preparado para o que iriam encontrar ou que o que encontraram foi visto apenas como possibilidade de conhecimento fisiológico, anatômico, mecânico, sem preocupação com questões existenciais.

Interfaces formação médica x finitude humana

A diferença entre as pessoas em geral e os profissionais da saúde é que, na vida destes, a morte já faz parte do cotidiano, tornando-se companheira de trabalho. (KOVÁCH, 2021). Muito se fala sobre como os profissionais de saúde têm a função de salvar pessoas da morte, entretanto, é necessário entender que além da busca pela cura de doenças também se trata pessoas enfermas que não tem expectativa de serem curadas.

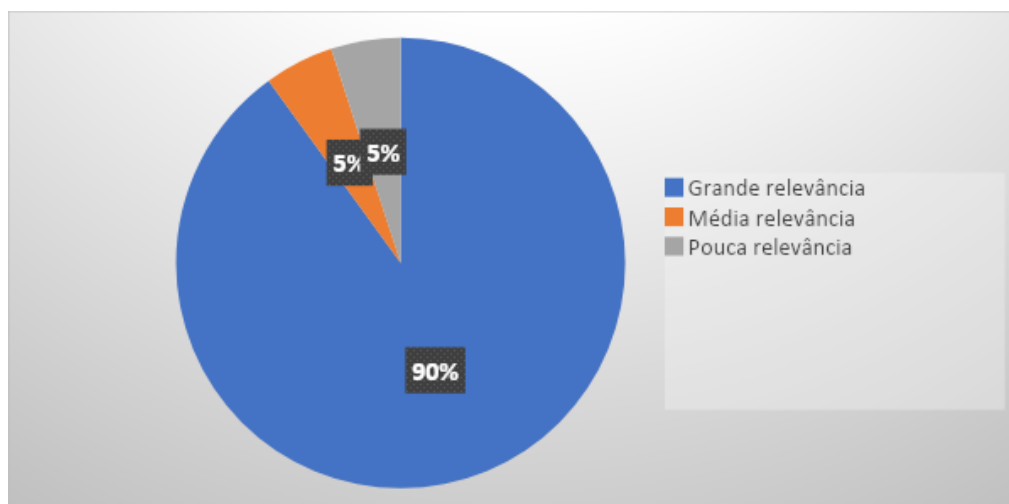


Qualquer pessoa que tenha frequentado ambientes hospitalares por algumas vezes pode perceber um certo automatismo por parte de alguns profissionais da saúde. Isso decorre de toda uma estruturação de longa data que exige, incessantemente, certo distanciamento e que não oferece espaço, nem prepara para sentir o luto e expressar tristeza ou dor, e essa é uma das razões para o adoecimento de tantos profissionais da saúde.

Nessa perspectiva, fica explícita a grande importância de que cada vez mais esses profissionais tenham sua formação voltada para esta temática, tendo abertura para debater sobre a morte, trocar experiências ao longo do curso, com colegas e professores com o objetivo de chegar ao fim de sua graduação melhor preparados para os desafios que irão encontrar diariamente.

Foi perguntado aos estudantes para saber se em comparação com as outras disciplinas como avaliam a importância da oferta de conteúdo/disciplina de abordagem sobre como lidar com a morte de pacientes. 90% afirma ser de grande relevância, 5% média relevância e 5% pouca relevância (Conforme gráfico 4). O fato de 90% dos estudantes ver como de grande relevância tratar do tema é um indicador que precisa ser levado em conta pelas instituições formadoras, pois explicita uma demanda emergente. Também foi solicitado que explicitassem em que momento do curso deveria ser tratado este tema. 80% dos estudantes acredita que a temática deve ser abordada ao longo do curso, 15% no início do curso e 5% no final do curso.

Gráfico 4 - Avaliação da importância de oferta de conteúdo/disciplina de abordagem sobre como lidar com a morte de pacientes





Fonte: OS AUTORES (2022).

Questionou-se os alunos se durante o curso a temática foi tratada como componente da matriz curricular. 50% afirmam que sim, 45% que não e 5% optaram por não responder. Dentre as respostas de como esta abordagem ocorreu, há referência como: “em disciplinas como bioética, antropologia e na especialidade de oncologia clínica”, “apenas durante a matéria de antropologia”, “aulas de antropologia e na LAPPALIUM (Liga Acadêmica de Cuidados Paliativos), “em aulas ou minicursos mas não como conteúdo específico”, “brevemente na aula de Clínica da Dor.”

Dirigimos a pergunta para saber se os estudantes em sua formação receberam algum treinamento para comunicar a pacientes (familiares) a respeito de agravamento de sua saúde e a possibilidade de morte. 55% afirmaram que sim, 25% que não e 20% que procurou por conta própria. Os percentuais não e por conta própria indicam para a ausência de critérios explícitos de como deveria ser tratado o assunto, deixando sob a responsabilidade das diferentes disciplinas, projetos, eventos ou outras ações nas quais os estudantes possam se envolver.

Relação médico-paciente e a terminalidade humana

Se não somos capazes de encarar a morte com serenidade, como podemos ajudar nossos pacientes? (ROSS, 2020). Com base nessa referência é possível afirmar sobre o quão indispensável é uma boa relação médico-paciente, baseada em confiança e transparência. Tão importante quanto saber o que falar é saber como falar. Compartilhar uma notícia ruim com um paciente é um desafio, para o qual o profissional deveria ter sido preparado durante sua formação. Notificar o paciente da forma mais simples possível e com muita empatia é essencial para um bom desenvolvimento das próximas etapas, porém esse desenvolvimento só é possível se o profissional também estiver preparado para isso.

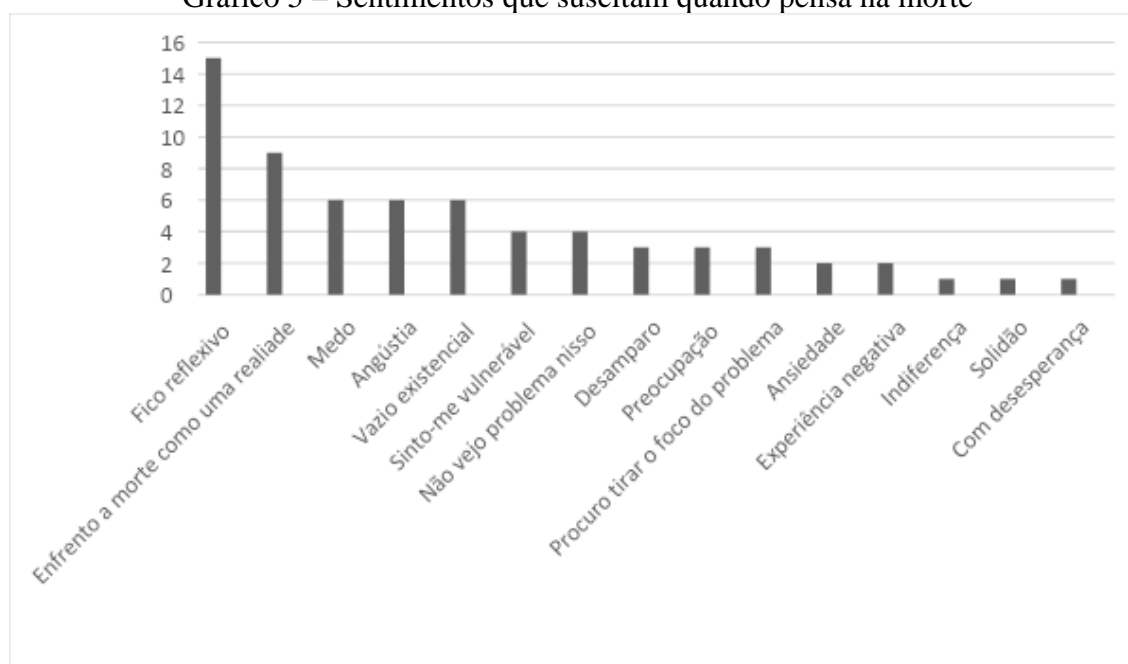
A partir do cenário exposto, trazemos questionamentos que foram feitos aos alunos sobre ter tido ou não contato com pacientes em fase terminal. 80% afirmaram que sim, 15% que não e 5% superficialmente. Em seguida, perguntou-se sobre o nível de envolvimento com os paci-



entes. 88,2% afirma ser profissional, 5,9% relata ser próximo e 5,9% nenhum nível de envolvimento. Questionou-se também sobre se eles se sentem preparados, como futuros médicos, na prática profissional, para falar, comunicar, tratar com pacientes (familiares) a respeito de agravamento de sua saúde e a possibilidade de morte. 55% diz que em parte, 30% afirma que não e 15% que sim.

Os alunos foram questionados sobre se refletem sobre a morte. 100% afirmaram que sim. Com base nisso foi perguntado quais sentimentos suscitam quando eles pensam sobre a temática. Dentre as diversas respostas, algumas mais relevantes como, “fico reflexivo”, “enfrento a morte como uma realidade”, “vazio existencial, medo, angustia”, “sinto-me vulnerável”, “desamparado”, “ansiedade”, “preocupação” e também respostas como, “não vejo problema nisso”, “indiferença” e “procuro tirar o foco do problema”. (gráfico 5). Essa diversidade de sentimentos expressa pelos estudantes, que em suma, são difíceis de serem compreendidos e também de serem debatidos, nos mostra como essa temática é uma questão que precisa ser fortemente desenvolvida e trabalhada, principalmente no ambiente de ensino. Se apropriar do tema morte, primeiramente num âmbito pessoal, lidar com os sentimentos que suscitam essa temática, para num segundo momento preparar-se para levar notícias difíceis aos pacientes e também lidar com a impotência diante da sua morte.

Gráfico 5 – Sentimentos que suscitam quando pensa na morte





Fonte: OS AUTORES (2022).

DISCUSSÃO

Fazendo uma análise dos gráficos 1, 2 e 4 é possível observar que em suma a grande maioria dos entrevistados sente necessidade de aprofundar-se mais sobre a temática da morte, tem curiosidade e busca obter informações sobre o assunto por meios distintos. Assim, Kovács (2021) diz que "Será a escolha da profissão uma tentativa de preparação para lidar com a própria finitude e daqueles de quem cuida?" Entretanto, o que se ouve nas instituições de saúde é que seus profissionais não foram preparadas para lidar com a morte, o que nos faz questionar sobre como há anos a educação para a morte está sendo deixada de lado em relação a outras disciplinas presentes na matriz curricular de instituições de ensino em saúde no Brasil.

É considerado positivo o fato dos estudantes buscarem conhecimento em livros para sanar suas dúvidas ou saber mais, no entanto, as revistas científicas aparecem em quinto lugar revelando que ainda não há uma cultura de sua utilização em maior escala, demonstrando a necessidade de disseminar entre eles a relevância dos saberes cientificamente embasados, uma vez que os periódicos científicos são os meios mais utilizados para divulgar as pesquisas e conhecimentos inovadores.

Kovács (2021) reforça a ideia afirmando que os profissionais de saúde, em suas formações, deveriam ter disciplinas sobre o tema da morte, como forma de preparar-se para lidar com pacientes gravemente enfermos e com os cuidados no final da vida. Para enfatizar essa afirmação, ao questionar os estudantes sobre suas considerações em debater e conhecer o tema morte, 85% afirmaram achar necessário, 10% diz ser um componente importante na formação médica e 5% acredita ser de responsabilidade individual de cada um, mostrando que na sua grande maioria os futuros profissionais da saúde também acreditam que essa é uma temática essencial em sua formação. O profissional bem-preparado terá um comportamento diferente perante os pacientes, como lembra Camargo (2014). Este alerta que o paciente, fragilizado pela ameaça da morte, sempre buscou na palavra do médico, mais do que a promessa de ajuda, o compromisso da parceria, admitindo que não ter com quem dividir uma dor só faz multiplicá-la.



Ao observarmos as respostas dos estudantes no tocante ao tema morte ser componente da formação, torna-se visível a discrepância e a falta de linearidade na sua abordagem nos diferentes níveis da graduação, e essa diferença está presente apesar da matriz curricular ser a mesma nesta instituição desde o início da primeira turma. Assim, fica claro que a temática deveria ser considerada como uma diretriz de formação, não necessariamente em forma de disciplina, mas como componente curricular de abordagem interdisciplinar, o que abriria espaço para professores de diferentes disciplinas abordá-la e com diferentes enfoques o que traria maior debate e riqueza de perspectivas para o estudante.

Camargo (2014), chama a atenção que a disciplina de cuidados paliativos, ainda carente na maioria das nossas faculdades de medicina, deve nos fazer compreender os limites entre o que é possível e o que é razoável. Mas, uma luz no fim do túnel parece aparecer. A aprovação do Parecer CNE/CES nº: 265/2022 poderá fazer com que haja maior zelo e intencionalidade na sua inserção formativa, ao menos é o que ele recomenda.

O CNE reconhece, por meio das diversas manifestações realizadas por médicos paliativistas, que o aluno de graduação em Medicina deve receber formação e treinamento sobre competências específicas, abrangendo a comunicação compassiva e efetiva com pacientes, gerenciamento de dor e outros sintomas, princípios e boas práticas de cuidados paliativos, bem como critérios de indicação para cuidados paliativos precoces (ao diagnóstico de doença ameaçadora de vida) e indicação e manejo de cuidados de fim de vida incluindo, além do controle de sintomas de sofrimento físico, a abordagem de aspectos psicossociais, espirituais e culturais dos cuidados e também identificando riscos potenciais de luto complicado. (BRASIL, 2022, p. 2).

A inquietação sobre a morte é a outra face do amor pela vida (LUPER, 2009). Assim, o gráfico 5 faz um compilado de diversos sentimentos citados pelos estudantes a respeito da temática da morte, dentre os relatos podemos perceber a dificuldade de expressar os sentimentos relacionados a esse tema, já que morrer tem diversos significados para distintas pessoas. Diante disso, Schumacher (2009, p.), em seu livro *Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte*, discorre diversas passagens sobre morrer, seus distintos significados e os processos envolvendo esta temática.

“Morrer” se reveste também de outro significado: o de imortalidade. O ser humano é suficientemente velho para morrer já a partir de sua concepção. Substancialmente já é moribundo, um mortal, um ser a caminho de e em direção a sua morte, lançado numa “corrida para a morte”. A vida humana se situa num “contexto geral cujo eixo é a morte”. O fim do ser humano está inscrito em seu ser corporal desde sua projeção na mundanidade. Cada dia que passa o aproxima mais de “sua morte”; de algum modo, ele morre “pouco a pouco”, todos os dias.



Por conseguinte, ao observarmos as respostas objetivas dos alunos expostas no gráfico 5, podemos considerar esse como um ponto importante a ser refletido. Talvez o não falar sobre a morte nos traga uma falsa sensação de segurança, ou até mesmo de que tal assunto está longe de nossa realidade, quando na verdade, é nossa única certeza, é o desfecho final para todos que nesta terra habitam.

Sendo assim, porque desde os primórdios estamos socialmente tão inclinados a não discutir sobre a temática da morte? Qual a razão pela qual evitamos tão severamente tocar nesse assunto e quando somos obrigados e nos expor a situações que a envolvem, como diante do falecimento de algum familiar ou pessoa próxima, temos tanta dificuldade a encarar a realidade e falar abertamente sobre.

Medo a perda da vida acredita-se ser o que nos move nessa direção de frequentemente nos esquivarmos de debater sobre a questão. Luper (2009) diz que para entender a morte, temos de entender a vida em algum detalhe, pois a morte chega quando a vida acaba. Diante do conhecimento da vida, do apreço pela mesma ou até da sensação de não ter vivido da maneira que gostaria nos leva ao sentimento de medo de perdê-la, sentimento esse que nos conduz a evitar trazer a temática da morte para a realidade, e por incrível que pareça essa realidade não é distinta para a maioria dos profissionais e estudantes da área da saúde. Esses, em sua grande maioria, sofrem dos mesmos dilemas que a grande massa da população, porém em suas posições de cuidadores da saúde cria-se uma realidade de desfalque no atendimento, pois como poderão ajudar seus pacientes a aceitarem desfechos fatais se nem mesmo estão preparados individualmente para lidar com essa questão.

CONCLUSÕES

Ao concluir esta investigação pode-se observar o quanto fica claro a necessidade de se tratar da finitude humana com os estudantes de medicina. A morte é um tema candente, atinge a todos, mas a cultura do presente conspira para que seja silenciado, como se evidencia nas produções teóricas e na pesquisa realizada. A defesa que se faz é de sua relevância como componente da matriz curricular dos cursos da área da saúde. A análise dos dados, gráficos e respostas expressas pelos participantes faz perceber a regência de se falar mais sobre a temática, além de evidenciar que os estudantes possuem dificuldades de lidar com o assunto tanto no âmbito pessoal quanto no profissional.



Embora este assunto seja importante tanto para a sociedade em geral quanto para os profissionais da área da saúde, percebe-se diversas tentativas de superficializar a questão e evitar sua abordagem. É entendido que a morte tem distintos significados para cada indivíduo e essa traz à tona diferentes sentimentos, como citado pelos estudantes. Estes apresentam complexidade para serem compreendidos. Dentre eles, pode-se referir o medo, a ansiedade, a angústia, inseguranças, dentre outros. Entretanto, os alunos também demonstram entender a relevância e a posição que essa temática ocupa em sua formação acadêmica e se mostram interessados em que a mesma seja trabalhada, em sua maioria, durante o transcorrer de todo o curso.

O objetivo macro da pesquisa foi entender como os estudantes se sentem diante da realidade da morte e mostrar o quanto é fundamental que no processo formativo do acadêmico haja estudo, debates teóricos e imersões práticas em situações que o preparem para o exercício profissional. O trabalho do médico envolve ter sensibilidade com o sofrimento humano, cuidar das pessoas e auxiliá-las em momentos de fragilidade, seja física ou mental, o que demanda dele estar fortalecido e instrumentalizado para isso. Esta é uma forte razão para que os formadores tenham olhar atencioso para as questões técnicas, sem esquecer-se das humano-existenciais. É deste ponto de vista que formaremos bons profissionais, preparados para lidar com a realidade que irão encontrar e que possam dar aos pacientes o melhor atendimento possível.

PALAVRAS-CHAVE: Acadêmicos de Medicina. Saúde. Finitude humana.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

ARANTES, A. C. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

AZEREDO, Nára Selaimen G. Azeredo; ROCHA, Cristianne Famer Rocha; CARVALHO, Paulo Roberto Antonacci. O Enfrentamento da Morte e do Morrer na Formação de Acadêmicos de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 35 (1), p. 37-43, 2011.



BATISTA, George Felipe de Moura; FREIRE, Gustavo da Cunha Lima. Análise do ensino da morte e do morrer na graduação médica brasileira. **Rev Bras Bioética**, v. 15(e3), p. 1-13, 2019.

BLASCO, Pablo González. O médico perante a morte. **Revista Brasileira de Cuidados Paliativos**, v. 2 (4), 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Parecer CNE/CES nº 265/2022**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2022-pdf/238001-pces265-22/file> Acesso em: jan. 2023.

CAMARGO, José J. **A tristeza pode esperar**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**: seguido de “envelhecer” e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

GATTI, Bernardete. A construção metodológica da pesquisa em educação: Desafios. **RBPAAE**, v. 28, n. 1, p. 13-34, jan/abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/36066> Acesso em: dez. de 2022.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

KOVÁCH, Maria Júlia. **Educação para a morte**: quebrando paradigmas. Novo Hamburgo/RS: Editora Sinopsys, 2021.

KÜBLE-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MELLO, Aline Andressa Martinez; SILVA, Lucia Cecilia da. Estranheza do Médico Frente à Morte: Lidando com a Angústia da Condição Humana. **Revista da Abordagem Gestáltica** – XVIII (1), p. 52-60, jan-jun./ 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100008 Acesso em: Out. 2022.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia prática**: ensino e conhecimento científico. Caxias do Sul: Educus, 2013.

SCHOPENHAUER. A. **Sobre a morte**: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

LUPER, Steven. **A filosofia da morte**. São Paulo/SP: Madres Editora Ltda, 2010.

SCHUMACHER, Bernard N. **Confrontos com a morte**: a filosofia contemporânea e a questão da morte. São Paulo: Edições Loyola, 2009.